

SESSÃO COMEMORATIVA DO 42º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

DISCURSO

Exmo. Senhor Comandante Manuel Begonha, Militar de Abril

Sr. Presidente da Assembleia Municipal de Almada, Exmo. Senhor José Maia

Sr. Presidente da Camara Municipal de Almada, Exmo. Senhor Joaquim Judas

Sr. Vice-presidente da Camara Municipal de Almada, Exmo. Senhor José Gonçalves

Sr. Presidente da União de Freguesias Almada, Cova da piedade, Pragal e Cacilhas, Exmo. Senhor Ricardo Louçã

Sr. Presidente da União de Freguesias Laranjeiro e Feijó, Exmo. Senhor Luís Palma

Sr. Presidente da Direção da SFUAP, Exmo. Senhor Luís Gonçalves

Dirigentes Associativos

Distintos convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Camaradas,

Começo por saudar-vos a todos, agradecendo a vossa presença neste evento em que celebramos o 42º aniversário da Revolução de Abril.

Há 42 anos, num país em que uma larga percentagem de portugueses, não tinha acesso à água nem eletricidade, sem comunicações, sem habitação com o mínimo de condições ou dignidade, e a quem era negado o acesso à saúde e à educação.

Num País envolvido numa guerra injusta e sem razão, que exterminou e estropiou os largos milhares de jovens que seriam o seu futuro, onde a

perseguição, a tortura e o medo, reinavam entre um povo sem direito a decidir o seu destino, tinha de mudar!

A revolução impunha-se. Resultou da acção de um conjunto de militares e cidadãos, que souberam ler a vontade desse povo, que ansiava por libertar-se da escravidão em que vivia, e garantir uma vida com dignidade para todos os cidadãos.

A necessidade e vontade de mudança irrompeu com tal violência e força, que ninguém ousou fazer-lhe frente. Veio em força mas pacífica. “Violenta como as águas do rio que se revoltam contra as margens que as oprimem”. Mas pacífica, porque tinha como objectivo trazer a paz e o pão, a um povo que vivia amargurado e em sofrimento, vendo partir os filhos para uma guerra sem sentido, ou em busca de um futuro melhor, numa hemorragia contínua com a dimensão da emigração, procurando lá fora, as condições e meios de sobrevivência de que uma oligárquica e ditatorial elite se apropriou.

Essa madrugada surgiu com a força de quem decidiu tomar conta daquilo que legitimamente lhe pertence, veio devolver a dignidade e a honra às pessoas, e a uma nação capaz de ocupar o seu lugar entre tantas outras, sem ter de que se envergonhar.

Veio sem medo, trazendo para a rua as vozes caladas, convictas de que o futuro lhes pertencia.

Entre momentos mais contidos e alguns excessos, próprios do período revolucionário, o plano estava a ser cumprido. Um ano depois, em 25 de Abril de 1975, nas primeiras eleições livres, foi eleita a Assembleia Constituinte que redigiu a nova Constituição, dissolvida após a conclusão desta obra marcante e marcada pela vontade de um povo.

A Constituição da República Portuguesa, foi aprovada a 2 de abril de 1976. Com este acto, estava assente a pedra basilar da democracia, e cumprido o mais importante dos compromissos assumidos.

Recebemo-la por inteiro, e, como fiéis depositários dessa herança, cabe-nos o papel de contribuir continuamente para a sua melhoria e aperfeiçoamento, defendendo-a até às últimas consequências.

É esse o nosso juramento e o nosso compromisso, para com ela, e para com o povo a quem servimos.

Foi há 40 anos.

Mas também nesta obra maior da democracia, tiveram acolhimento aqueles que de forma empenhada, participaram e contribuíram para que ela fosse uma realidade, os Cidadãos Militares. E, no estreito espaço que lhes foi reservado, meteram mãos à obra, para dar corpo e forma a um projecto e a um sonho, inscrito nos ideais de Abril e nos fundamentos da democracia, o Associativismo Militar.

O projecto evoluiu, emancipou-se e deu provas da sua capacidade, maturidade e responsabilidade, deu origem a uma nova realidade associativa, democrática e autónoma. Uma realidade consentânea com os valores inscritos na Constituição da República Portuguesa, que todos jurámos.

O associativismo militar de base, nasceu com a componente sócio-cultural e recreativa que ainda hoje desenvolve, mas cedo se transformou no berço e embrião, que acolheu e deu origem ao associativismo sócio-profissional.

Agora, juntos, os Clubes e as Associações Profissionais de Militares, têm trabalho e créditos firmados, ocupam indubitavelmente, um espaço de afirmação e luta por uma democracia e cidadania plenas, onde o *Cidadão em Uniforme e a Família Militar* também têm o seu lugar.

É neste quadro, que, com naturalidade, o Clube do Sargento da Armada, o Clube de Praças da Armada, a Associação Nacional de Sargentos, a Associação de Oficiais das Forças Armadas e a Associação de Praças, em conjunto, e com o apoio da Câmara Municipal de Almada, exemplo vivo do poder autárquico democrático, também ele “filho” de Abril, comemoram este quadragésimo segundo aniversário da Revolução dos Cravos e, o quadragésimo aniversário da Constituição da República Portuguesa.

Imbuídos de um espírito agregador e sumativo, no respeito pelas identidades e autonomias próprias de cada um, pretendemos dar continuidade a este projecto, na defesa e dignificação dos Militares, das Forças Armadas e de Portugal, defendendo a Condição Militar, a Constituição e os valores de Abril.

Muito caminho foi feito, mas muito ainda há para fazer.

E se o 25 de Abril de 1974, foi o dia da libertação e da esperança, os anos que se seguiram até hoje, mostram que o caminho não era, nem é fácil.

E, nestes anos vividos em democracia, os princípios que a norteiam e sustentam, têm vindo a ser postos de parte, por vezes, até esquecidos por muitos dos que se acoitam à sua sombra.

Os tempos que correm trazem dificuldades. Colocam-nos perante novos desafios e exigências. Mas colocam-nos também, perante novas expectativas.

Quiseram que mandássemos para as calendas a cidadania e a capacidade de discernir direitos e deveres em comunidade.

Tentaram fazer-nos esquecer a fraternidade e a solidariedade que nos torna pessoas, pessoas que vivem em comunidade, umas com as outras.

Procuraram alterar o paradigma de comunidade e sociedade para um outro, que aponta apenas para o umbigo.

Procuraram, por todos os meios, tornar-nos egoístas.

Tentaram fazer-nos esquecer que a liberdade de uns acaba, onde a dos outros começa.

Substituíram a ética, pelo «chico-espertismo».

A política, pela aldrabice, e o servir, pelo servir-se.

Esqueceram e votaram ao abandono, os largos milhares de jovens que foram exterminados ou ficaram estropiados, numa guerra sem sentido.

Procuraram que a democracia se tornasse num negócio onde, na justiça, na saúde, na educação, na segurança, na defesa ... tudo se compra e tudo se vende.

Franquearam a porta a um “aliado” que entrou de mansinho, com ofertas irrecusáveis, e envolto no manto da solidariedade.

A muitos fez crer que traria a ajuda que esperávamos, para nos integrar uma europa justa e solidária, mas de uma penada, retirou-nos a soberania e o direito a decidir.

Agora, de botas cardadas, põe-nos debaixo do jugo de uma dívida, contraída sem sabermos como nem para quê, e muito menos por quem (todos sofrem de amnésia), ainda assim, e mesmo sem que tenhamos sido consultados, constituímo-nos como os seus verdadeiros avalistas.

Valente democracia esta!

De certa forma, estamos de novo naquela madrugada de há quarenta e dois anos.

42 anos depois daquele dia 25 de Abril de 1974.

Comemorar Abril, é continuar a sonhar. Comemorar Abril, é manter vivos os seus valores. Comemorar Abril, é lutar pelo desenvolvimento da Nossa Terra, é exigir igualdade de direitos e oportunidades para todos, e mais justiça na distribuição da riqueza.

E, continuar Abril, é acreditar que o futuro se constrói com a participação de todos, e em todos os domínios.

Com trabalho e luta, mas também com alegria e confiança na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária.

Abril, exige comemorações. Abril, exige movimento, rupturas, utopias e realizações.

E, num momento como este, em que tudo é posto em causa, e nos querem fazer crer que temos de abdicar de quase tudo o que alcançámos. O mais urgente, é perceber que temos de reagir!

Temos de reagir, porque os direitos que conquistámos, não são anéis que possamos vender. São os dedos das nossas mãos, são o pão para a nossa boca, são o futuro que queremos deixar aos nossos filhos!

A resposta tem de ser dada por todos nós, nos locais de trabalho, nas instituições e associações, ou na própria rua, se necessário for, por todas as formas que a democracia consente, exercendo a cidadania.

Temos que despertar o povo que gritava a sua esperança, e que com cravos vermelhos pintava o futuro!

Temos que despertar as pessoas, e nelas a sua dignidade!

Temos que honrar a nação!

Por tudo quanto afirmámos, vamos continuar neste rumo. Estamos certos que dignificando os Militares, a Família e a Condição Militar, respeitando a Constituição e a vontade do povo de que somos parte, aproximaremos sem tabus, as realidades civil e militar, respeitando a democracia, os valores de Abril, as Forças Armadas e Portugal.

Viva o 25 De Abril!

Viva a Constituição da Republica Portuguesa!

Vivam as Forças Armadas!

Viva o Associativismo Militar!

Viva Portugal!